

# Maior cineclube do país faz 30 anos com exemplo de sucesso

Cauim, em Ribeirão Preto, começou como sala pequena e atualmente mantém vários projetos

18/07/2009 - 21:00

EPTV.com - Fabiana Assis

O maior cineclube do país comemora 30 anos. O Cauim, de Ribeirão Preto, chega a três décadas de existência, talvez encontrando atualmente seu formato ideal por unir a produção de ideias com uma gestão responsável e apoiada por leis de incentivo e financiamento. Mas o projeto também é sustentado por uma rede de amizades entre pessoas que acreditam na inclusão social e na mudança por meio da cultura.



A primazia do cineclube ribeirãopretano não é oficial, já que não há dados oficiais sobre o movimento cineclubista no País. “Mas é o maior, o Paolo Minuto, que é presidente da Federação Internacional de Cineclubes já esteve aqui duas vezes e não acreditava no que ele via”, defende Fernando “Kaxassa” José da Silva, um dos criadores do cineclube e seu presidente desde o primeiro segundo de existência.

“Não há cineclube no mundo que abra todos os dias de graça com, no mínimo três sessões por dia, como faz o Cauim”, reforça Odônio dos Anjos, responsável pela gestão do cineclube.

Não há como negar que os números impressionam. No mês de maio, 60 mil pessoas passaram pela sala de cinema do cineclube que, há cinco anos, funciona na rua São Sebastião, no coração de Ribeirão. As 140 mil crianças que estudam na rede pública municipal já foram, pelo menos, duas vezes ao cinema, graças a um dos seus projetos; outras 14 mil da rede estadual também já estiveram no Cauim pelo menos uma vez. E mais 50 mil crianças de 26 cidades da região também já passaram pelo cinema.

### **Nascimento**

Mas o cineclube de Ribeirão nasceu mesmo em Araraquara. “Fui fazer Ciências Sociais (na Unesp) e conheci o Zoom um cineclube importante na época e aí não consegui sair mais disso”, conta Kaxassa.

A ele se juntaram Marco Diamantino e Fernando de Souza. “Não foi uma coisa planejada”, diz Kaxassa. “Quando começamos a fazer um filme tinha um cara que estudava comigo, que era quem escrevia. Ele era de Barretos também, mas estudava comigo na Sociais e o Fê, que é fotógrafo. A gente começou a fazer um curta-metragem e o Fê foi morar com a gente em Araraquara. Aí começou o Cauim e começou a sair na imprensa”, conta.

O nome Cauim é uma obsessão de Kaxassa, que viu a palavra, nome de uma bebida indígena feita com raízes, quando tinha 8 anos, ainda morando em Barretos, sua terra natal. A partir daí tentou colocar o nome em tudo o que fazia, mas esbarrava na resistência dos colegas que achavam a palavra muito feia. Até que, finalmente, conseguiu, com ela, batizar um grupo de teatro que criou.

### **Dissidência**

O grupo voltou para Ribeirão e foi integrar um cineclube que já existia, mas a vontade de fazer melhor acabou levando a um projeto próprio. “A gente passava o filme, passava o filme e eles (os cineclubistas) ficavam lá batendo papo, a gente ganhou a eleição e eles anularam. Então a gente decidiu fazer o cineclube Cauim porque todo equipamento com o qual a gente trabalhava era do Cauim mesmo”, conta Kaxassa.

Em Ribeirão Preto, Kaxassa se uniu a nomes como o de Bassano Vaccarini, criou um grupo de teatro, montou uma produtora de vídeo e começou a passar filmes em periferias e escolas, até conseguir alugar uma sala onde hoje funciona a sede do Ribeirão em Cena, um dos muitos braços culturais que nasceram no Cauim. Depois de dois anos foi para outra sala na rua Lafaiete até que, na década de 1990, durante o governo Collor, o Cineclube ficou praticamente inativo para exibição, mas atuou em outras áreas da cultura.



### **Projetos**

Nesse tempo, na produtora, eram feitas muitas propagandas “que sustentaram o cineclube”, mas também alguns filmes, como um documentário da greve dos cortadores de cana-de-açúcar de Guariba, em 1984, um fato que marcou a história da região.

O projeto “Cauim Discute” levantou temas importantes como a constituinte, o índio, a mulher e o negro. “Tinha uma visão meio rápida, legal das coisas que dava samba. O 'Cauim discute a constituinte', na sala com 280 lugares, teve aqui Hélio Bicudo, Fernando Moraes, Bete Mendes, Maluf, veio muita gente”, lembra Kaxassa.

## Incentivo

Em 2004, com as leis de incentivo fiscal o movimento retomou com força. O Cauim conseguiu uma sala com 800 lugares de um cinema no centro da cidade, que tinha fechado e depois, como tantos outros, virou igreja. Por sorte, o dono, conhecido do cineclube, preferiu fazer uma parceria cultural a vender o prédio.

O cineclube renasceu com uma proposta diferente. "Antigamente, era mais filme europeu, filme brasileiro, filme alternativo, porque antes tinha muita sala no centro", lembra Kaxassa. Agora, 'blockbusters' como "X-Man Origins", "Wolverine", "Se Eu Fosse Você 2", "Uma Noite no Museu 2" ou "Quem Quer Ser um Milionário", levam ao cinema mais de 60 mil pessoas por mês. De graça! Na semana passada, o Cauim conseguiu passar a "Era do Gelo 3", antes dos cinemas comerciais da cidade. Resultado: até seis sessões por dia, todas lotadas.



## Filho puxa orelha

"Meu filho Guilherme foi um dos motivos dessa nova fase da sala. Quando a gente abriu, ele tava com 10 anos e me perguntou o que eu ia passar aqui. Eu disse que filme de arte, aí ele me disse assim: 'Eu posso ir ao cinema ver o filme que eu quiser, mas o cara que não tem dinheiro tem que assistir só ao que você quer?'. Aí eu comecei a mesclar tudo", conta Kaxassa.

Mas para que tamanho sucesso ocorresse os cineclubistas do Cauim tiveram que convencer muita gente. Primeiro as distribuidoras dos filmes que olhavam com desconfiança aquela ideia de passar filme de graça em uma cidade com tantas salas de cinema.

Para conseguir esse feito que muitos achariam impossível, o Cauim usou o argumento contrário, o de que não tiraria público dos outros cinemas, mas formaria o público que tinha se desabitado, naquela época, a frequentar o cinema.

E aí vinha o segundo desafio: convencer o público a ir ao cinema. “No começo era difícil, tivemos que fazer um trabalho de conscientização grande: rádio, televisão, íamos nos bairros procurar pessoas.”, conta Kaxassa.

Os motivos eram muitos, muitas salas tinham fechado nos anos anteriores e as que sobreviveram eram caras e em shoppings centers. As pessoas não tinham roupa, dinheiro para pagar a entrada, a pipoca, o refrigerante, o transporte, diz o cineclubista.

### **Acessível**

Era exatamente esse público que o Cauim queria atingir. Não foi possível encontrar uma solução para o problema de vestimenta, mas em todos os outros deu-se um jeito: a entrada começou custando R\$ 3, depois R\$ 1 e, por fim, ficou de graça - os ingressos são subsidiados pelos patrocinadores. “Eu considero que o povo paga porque é tudo dinheiro de imposto, é (Lei) Rouanet e ProAC (Programa de Ação Cultural)”, diz Kaxassa.



O refrigerante e a pipoca são vendidos por um quarto do preço dos outros cinemas, mas se quiser, o espectador pode trazer o lanche de casa, e o transporte foi providenciado – pelo menos para todas as crianças que estudam na rede pública e participam dos dois programas de inclusão do Cauim: o ‘A Cidade vai ao Cinema’ e ‘A Escola vai ao Cinema’.

O Cauim é totalmente democrático, pessoas de todos os tipos, condição social e escolaridade entram em sua sala, onde é possível ver cenas como famílias inteiras com crianças de colo chegando para ver um filme, senhoras de terceira idade que se emocionam ao ver um

filme pela primeira vez e até pessoas que chegam com seus cachorros que, claro, ficam esperando pacientemente pelo dono na porta do cinema.

“Uma vez chegou um grupo que tinha uma senhora que nunca tinha subido uma escada na vida, ela tinha algum problema com escada. Não tivemos dúvida, passamos o filme no telão na parte de baixo só pra ela”, conta o cineclubista Pierre Catti.

### **Maior público**

Por causa dessa atitude, Ribeirão Preto tem um índice de frequência ao cinema bem maior que a média nacional. “A média de frequentadores de cinema é de 7% da população das cidades, 13% foram ao cinema pelo menos uma vez, mas esse número chega a 30% em Ribeirão”, afirma Odônio dos Anjos.

Só para ter uma ideia, o filme “Tapete Vermelho” teve só em Ribeirão Preto, 60 mil espectadores, mais que no Brasil todo, em que somou 52 mil.

Havia cinema para todos, mas a essência de um cineclube - a exibição de filmes de arte e a sua discussão - não tinha espaço em uma sala tão grande. Foi montado então, em 2006, o Cineclube Canarinho, na sala Débora Duboc, que também tem cursos ligados a cinema durante o fim de semana. O nome é uma homenagem ao enxadrista ribeirãoopretano Vanderlei Gazon, conhecido como Canarinho e um dos fundadores do cineclube.

### **Ocupação**

O enorme espaço da rua São Sebastião, aos poucos foi sendo ocupado. No prédio também funcionam um sebo e um bar. Durante a noite, enquanto centenas de pessoas estão na sala de cinema, outras tantas dividem o espaço na entrada que, ao mesmo tempo, abriga um telão que passa futebol ou filmes antigos e um palco que serve para que as bandas da cidade se apresentem pelo projeto "Será que dá certo", lançado neste ano. Enquanto alguns escutam a música, outros conversam em mesas mais afastadas apenas curtindo a conversa e a cerveja. No balcão sempre tem algum dos cineclubistas. Outro corre de um lado para o outro resolvendo os problemas de som, acomodação ou dando as boas-vindas ao público.

O grupo não para e nos próximos meses o cineclube deverá lançar a sua revista "Cauim", derivação da revista "O Terceiro Berro" (em homenagem a jornais militantes de Ribeirão); o

prédio do cinema será ampliado e vai receber um café e ter o sebo ampliado e um festival permanente de filmes.

### **Inclusão**



Fora do cinema a atividade continua. O Cauim não pode ser considerado mais apenas um cineclubes, mas uma ONG cultural voltada à inclusão social, com diversos projetos relacionados às várias manifestações culturais, como música e teatro, que envolvem crianças e adolescentes.

O grupo grava dois programas de televisão, o "Papo com Doutor", com o ex-craque do futebol, Sócrates; e o "Boca Livre", que são produzidos pelos estagiários de um dos cursos do Templo da Cidadania, um ponto de Cultura do Ministério da Cultura onde são desenvolvidos cursos de Educação e Cidadania e oficinas e de onde já surgiram duas bandas: a Banda Cauim e o Toque da Lata.

Na Vila Virgínia outro espaço - a Agência Cultural Banco Ribeirão Preto- que foi o primeiro projeto social do grupo, criado em 1999, oferece cursos de escultura, violão, inclusão digital, além de uma biblioteca.

O site [www.cineclubecauium.org](http://www.cineclubecauium.org) também é feito pelos garotos do projeto e exibe vídeos de cineastas da região.

O Cineclube Cauim é, segundo seus membros, a entidade que mais oferece oportunidade às pessoas que precisam cumprir pena alternativa, com o oferecimento de vagas de trabalho à noite e durante o fim de semana, evitando, assim que a pessoa fique prejudicada em seu trabalho normal.

### **Oportunidades**

Agora, o Cauim está se voltando também para a família do público que atende e inicia no segundo semestre um curso de cozinheiros, que vai envolver importantes nomes da cozinha ribeirãopretana. Os alunos irão receber para fazer as aulas e não perder o dia de trabalho. O resultado da primeira turma deverá ser visto e saboreado na festa de comemoração dos 30 anos do Cineclube Caium, em outubro.

### **Política**

Em seus 30 anos de existência o Cauim passou por quatro planos econômicos importantes e sete presidentes. A vida do cineclube sempre esteve ligada à política. Foi a política que fez com que, em 1979, em sua “pequena modéstia” um grupo se reunisse com a intenção de derrubar a ditadura militar “e se possível acabar com a fome e o analfabetismo junto”, se diverte Kaxassa lembrando a passagem.

Foi a política que fez com que o cineclube quase se extinguisse na década de 90 quando a política cultural de Collor resultou no fechamento de centenas de salas de cinema e dificultou a distribuição de filmes, além de reduzir a quase nada a produção nacional. “Desastre total. Nós fechamos. Todos os cineclubes do Brasil foram desativados”, relembra Kaxassa.

### **ONG**

E foi a política que fez com que o cineclube voltasse a florescer como uma ONG cultural cada vez mais forte, após a criação das leis de incentivo cultural dos governos federal (Rouanet) e estadual (ProAC) e também do apoio do ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil, que fez um programa para a retomada do movimento cineclubista no Brasil.

Os participantes do Cauim gostam de dizer que fazem política, mas não estão com ela. Tempos atrás era possível ver nas reuniões, o encontro de personalidades de partidos tão distintos

como o deputado federal Antônio Palocci, o deputado estadual Duarte Nogueira e o ex-prefeito Welson Gasparini. “O que a política separa, a cultura une”, vangloria-se Odônio dos Anjos.

### **Patrocínio**

De todo apoio político ocorrido direta e indiretamente ao cineclube, o mais importante foram as leis de incentivo fiscal que deram ao Cauim a luz para iluminar tantos projetos e deu estabilidade ao movimento. Mas para isso acontecesse, foi preciso profissionalizar a gestão.

As idéias que surgem, geralmente da cabeça de Kaxassa, tomam formato de projeto pelas mãos do empresário Odônio dos Anjos, que entrou no grupo como patrocinador quando atuava na Cohab, tornou-se apresentador do "Boca Livre" e acabou assumindo a gestão financeira dos projetos. A partir daí começa a romaria para a aprovação por alguma das leis de incentivo e mais tarde a captação de recursos.

Não é fácil, mas seria mais difícil sem as leis de incentivo. “É difícil entrar na sala deles (empresários). Mas depois que você conversa ele vê que está deixando uma parte do imposto dele aqui”, diz Kaxassa.

### **Apoiadores**

Hoje, o Cauim tem 12 apoiadores e movimenta uma verba anual em torno de R\$ 1 milhão. O cineclube não passou ileso pela crise, dois grandes patrocinadores deixaram o projeto este ano: o supermercado Gimenes, porque fechou suas portas; e a Usina SantaElisa Vale que retraindo os recursos para apoio cultural. Mas o cineclube tem patrocínios como a Petrobras, Banco do Brasil, Votorantim, Refrescos Ipiranga, além do primeiro apoiador, o banqueiro Nelson Rocha Augusto, do Banco de Ribeirão Preto que, em 1999, montou a Agência Cultural.

Para manter todos os projetos funcionando, o Cauim conta com 35 funcionários e está sempre se aprimorando para garantir que os resultados cheguem de forma adequada, tanto à população quanto aos apoiadores. A entidade será a primeira de Ribeirão a ser capacitada para fazer a avaliação de impacto dos projetos sociais, mais um passo na profissionalização da entidade.

“Nossos patrocinadores estão contentes. Falar que cultura não dá renda é bobagem”, diz Anjos.

## Amigos

Tantas ideias e projetos nascem em reuniões quase diárias. Mas, ao contrário de se reunir em torno de uma mesa de escritório, elas são feitas, quase sempre, em torno de uma mesa de bar.

Entre os participantes há de tudo: banqueiro, ex-jogador de futebol, cientista, cervejeiro, usineiro e muita gente ligada à produção de imagem e amante de cinema.

A forma como cada um chegou até o cineclubes é variada. Em alguns casos, eram arrebanhados por Kaxassa que ia atrás de quem se interessava pelo tema. Foi o que aconteceu com Pierre Catti, que abriu um cineclubes na faculdade Moura Lacerda, onde estudava em 1985, foi convidado para o grupo e hoje dirige o cineclubes Canarinho.

Em outros casos, a prática do cineclubista, a alegria de trabalhar com cultura e a vontade de fazer a diferença para as pessoas serviam de ímã para pessoas como Luiz Moura Tupynambá, que está há 14 anos no grupo e coordena o núcleo de produção e áudio do programa de Educação e Cidadania do Templo da Cultura e dirige os programas de TV com a galera do curso de imagem e som.



## **Nomes**

Nomes que hoje estão no cenário nacional como Débora Duboc e Leopoldo Nunes passaram pelo grupo. Quem chega na cidade e pode agregar é convidado para bate-papos, conferências ou discussões. Caetano Veloso, por exemplo, já sentou nas cadeiras do Cauim e disse que queria lançar ali seu próximo filme; Xico Sá frequenta os almoços do Templo da Cidadania; durante a Feira do Livro deste ano, Marçal Aquino participou de uma exibição do filme "Os Matadores", do qual é roteirista.

O ex-jogador Sócrates está sempre presente ajudando a captar recursos, gravando programas para a TV e até como personagem de um filme ainda não concluído pelo grupo. O longa-metragem sobre a vida do craque está parado por falta de recursos, mas teve muita mídia e visibilidade quando começou. Isso porque teve como garoto-propaganda o presidente Lula.

## **Estrago**

"O Lula é corintiano e quando começamos o filme fizemos um jogo lá em Brasília, entre os amigos do Sócrates e os amigos do Lula e ele, numa quarta-feira deu uma notícia no "Jornal Nacional" de que estávamos fazendo o filme e que ia ter o jogo. Aí juntou o mundo lá, imprensa da Itália, da Alemanha, de todo lugar. Isso acabou causando confusão porque todo mundo achava que a gente tinha muito dinheiro para fazer o filme, e a gente não conseguiu captar mais nada. Então estamos deixando o assunto morrer um pouco para depois retornamos ao filme", conta Kaxassa.

Nomes como Kaxassa, Odônio, Pierre, Tupy e Sócrates são só alguns desse imenso grupo que tem ainda Cachorro Louco, Taturana, Tatu, Gilson, Édson e mais tantos outros que estão sempre na roda e na boca dos colegas. Para todos eles o cineclubes Caium é uma forma de militância e sua forma de contribuir para um mundo melhor.

Ribeirão tem o maior cineclubes do País e também o mais diferente. Ao contrário do conceito de cineclubes, o grupo que ele reúne não discute seus interesses comuns, discute os interesses coletivos e como fazer com que a cultura se torne ainda mais coletiva. Não se trata de um clube, mas de um agente aberto a todos. E como fazer parte desse grupo? "É só chegar", responde Kaxassa.